



# JORNAL

**associação  
portuguesa  
de paramiloidose**

N.º 22 DEZEMBRO 1998

SEMESTRAL (DIST. GRATUITA)

## *Editorial*

### "O MEU SONHO LINDO"

Hoje é um dia de grande alegria para A. P. P. como para todos os doentes e familiares espalhados por todo o País.

Inaugura-se na linda cidade de Vila do Conde, com as presenças de sua Ex<sup>ª</sup>, o Senhor Presidente da República, e dos Presidentes das Câmaras onde existem maior número de doentes, nomeadamente, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Barcelos, Braga, Matosinhos, Porto, Figueira da Foz, Unhais da Serra e Lisboa, e demais autoridades convidadas, a sede da Associação Portuguesa de Paramiloidose. Edifício construído num terreno cedido pela Câmara Municipal de Vila do Conde, com três andares numa magnífica zona densamente arborizada e muito bonita. Local ideal para os nossos doentes, fazerem lar dia, poderem descansar e conviver.

No r/chão, existe um centro de fisioterapia, com os mais modernos meios tecnológicos que servirá para os doentes que sofrem da P. A. F., como também dará apoio a outras patologias, mediante contrato com S. M. S., ADSE, etc...

O lar, servindo refeições e os quartos situados no primeiro andar, onde com elevador normal e outro para macas, tornam as deslocções extremamente fáceis, fazem o contentamento de todos.

As autoridades presentes prometem tudo fazer nas suas cidades, para minimizar o sofrimento dos doentes e seus familiares nos aspectos habitacionais, culturais, etc...

Um magnífico mini-autocarro de vinte e um lugares, apetrechado, com rampa elevatória, para doentes em cadeiras de rodas, que servirá para transportar todos os dias os doentes desde os seus domicílios, até à sede e vice-versa. A fanfara dos Bombeiros Voluntários de Vila do Conde, desfilam em frente das autoridades convidadas, com grande disciplina e fazendo-se ouvir uma marcha musical agradável.

O despertador tocou pelas seis e trinta minutos, era hora de levantar e ir trabalhar para o Hospital.

Tinha tido um sonho bonito !

Mas os sonhos, também se podem realizar, basta nós querermos !...

Um Santo Natal e um Ano Novo Cheio de Bênçãos.

O Presidente  
Enf.º Carlos Figueiras



*A APP deseja a todos os seus Associados  
um Feliz Natal e um  
Próspero Ano Novo*



## A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PARAMILOIDOSE

Teresa Maria V. P. de Vasconcelos

Trabalho apresentado como oradora no V Seminário Nacional do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida — Fundação António José de Almeida — Porto. 11 e 12 de Novembro de 1998.

A PAF — Polineuropatia Amiloidótica Familiar, Paramiloidose, Doença dos Pézinhos ou ainda Doença de Corino de Andrade são as diversas formas de nos referirmos a esta doença descoberta por Corino de Andrade.

Foi em 1939 que o Prof. Dr. Mário Corino da Costa Andrade observou a primeira doente com sintomas diferentes dos habitualmente encontrados nas doenças neurológicas.

Uma doente com 37 anos, natural da Póvoa de Varzim, queixava-se de adormecimento, formigueiro e falta de sensibilidade térmica e dolorosa nos membros inferiores, dificuldade na marcha, diarreias e perturbações nos membros superiores semelhantes às dos membros inferiores.

Referia ainda serem estas queixas semelhantes às de outros familiares assim como a alguns dos seus vizinhos.

Corino de Andrade, juntamente com elementos da sua equipa deitou pés a caminho, e, no próprio terreno, Póvoa de Varzim e arredores, começou por procurar indivíduos com queixas semelhantes às que lhe tinham sido referidas pela doente já mencionada.

Em 1952 publica, na revista Brain a 1.<sup>a</sup> comunicação sobre a doença, considerada a muitos títulos, exemplar.

A partir daí a história é conhecida. Foi criado a 13/07/60 o Centro de Estudos de Neuropatologia, actualmente Centro de Estudos de Paramiloidose, instituição a quem compete e compete promover o rastreio dos doentes, sua observação e tratamento, implementar actividades que levam à individualização e caracterização dos diversos aspectos etiopatológicos da doença, estudar os meios mais adequados para o seu tratamento, coordenar os estudos em curso mantendo os investigadores informados.

Em finais dos anos 70, várias pessoas ligadas à problemática da Paramiloidose, doentes, seus familiares, médicos e outros profissionais da saúde aperceberam-se da necessidade de unirem esforços no sentido de melhorarem as condições de vida dos doentes e seus familiares.

Espalhados por todo o País, com incidência predominante nas regiões piscatórias do Norte e Centro, estes doentes, geralmente de estratos sociais carenciados, viviam em condições muito difíceis.

Sendo a Paramiloidose uma doença de transmissão genética todos os descendentes de uma pessoa com PAF vivem na dúvida de vir a contrai-la já que se sabe que

destes descendentes 50% têm probabilidades de vir a ficar também doentes.

Era necessário diligenciar junto dos responsáveis pela saúde e segurança social, ajudas para os doentes e suas famílias, estas normalmente muito numerosas, e que, devido às características da doença, com início na faixa etária dos 20-30 anos e rápida evolução até à morte, deixavam de poder trabalhar muito cedo, ficando dependentes dos cônjuges ou filhos, normalmente de uma filha mais capaz e mais generosa que abandona o seu projecto de vida para ajudar o seu progenitor doente.

Usufruindo de reformas muito baixas ou mesmo não tendo direito a ela por não terem descontado anos suficientes encontravam-se e ainda hoje se encontram em situação de quase total dependência de familiares.

Até 1980 toda a assistência médica estava essencialmente limitada à consulta existente no Hospital Geral de Santo António.

Esta situação acarretava enormes desvantagens para muitos doentes pois, fosse qual fosse o ponto do país onde residissem a única consulta existente era no Porto, feita pelos médicos do Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António.

O CEP era inundado de pedidos de consultas que ultrapassavam, largamente a sua capacidade de atendimento.

Era notório a insatisfação crescente dos profissionais que trabalhavam com estes doentes, quotidianamente confrontados com problemas humanos e sociais extremamente graves e sem quaisquer meios à sua disposição para os solucionar.

Como referi, era reclamada a constituição de uma organização que reunisse pessoas interessadas em melhorar as condições de vida e assistência dos paramiloidóticos e seus familiares e de responsabilizar, para a resolução dos seus problemas, entidades exteriores ao CEP.

Dando resposta às solicitações referidas nasceu, em Junho de 1979 a Associação Portuguesa de Paramiloidose cuja sede provisória foi durante longos anos no Hospital Geral de Santo António. Desde 1990 a sede está localizada em Vila do Conde em andar gentilmente cedido pela Câmara Municipal.

Foram 4 os primeiros objectivos da APP :

1 — Sensibilização dos Serviços de Saúde para os problemas da PAF visando a criação de um programa de assistência aos doentes.

2 — Promoção e elaboração de legislação que defendesse os interesses dos doentes e suas famílias.

3 — Levantamento a nível nacional do número de



indivíduos e famílias afectadas em Portugal.

4 — Informação e esclarecimento junto dos doentes e respectivas famílias, sobre as características da doença, sua transmissão e modos de controle.

Durante os primeiros 10 anos o trabalho principal foi o reconhecimento e expansão pelas áreas mais afectadas do País. Assim surgiram os chamados "Núcleos" (direcções regionais) — Póvoa de Varzim / Vila do Conde, Barcelos, Braga, Porto / Vila Nova de Gaia, Unhais da Serra, Seia, Figueira da Foz e Lisboa. Foram e são atribuições dos Núcleos entre outras e de acordo com as particularidades das regiões em que estão inseridos, promover sessões de esclarecimento junto dos doentes e suas famílias, organizar tempos livres, e reunir periodicamente com a Direcção da APP e Direcções dos outros núcleos, tentar resolver problemas de toda a ordem dos doentes abrangidos pela área de cada núcleo, etc.

Com cerca de 3.800 sócios a APP conseguiu atingir nesta primeira fase, alguns dos seus objectivos primordiais, (em 1998 são cerca de 9.000).

Colaborou na montagem de um esquema, ainda actualmente em vigor de assistência médica, enfermagem e assistência social locais.

Assim, a Direcção Geral de Saúde nomeou em 1980 um coordenador do programa de assistência aos Paramiloidóticos. Em colaboração com o CEP e a APP foi elaborado um esquema de assistência baseado na criação de uma valência PAF em cada Centro de Saúde das zonas mais atingidas, onde os Núcleos já funcionavam.

Em cada Centro a consulta foi confiada a uma equipa formada por um médico, um elemento de enfermagem e uma assistente social, cabendo-lhes a assistência aos doentes e suas famílias, incluindo igualmente o aconselhamento genético e o planeamento familiar, assim como o levantamento dos principais problemas regionais relacionados com a doença, em colaboração com cada núcleo local da APP.

Para uma melhor formação destes técnicos o CEP realizou Cursos Intensivos sobre a PAF.

Para além da colaboração na organização da assistência acima referida, a APP consegue ainda a concessão de medicamentos gratuitos a todos os doentes — lei 1/89 de 31 de Janeiro, realiza sessões de divulgação, discussão e aconselhamento sobre a PAF e publica com a regularidade possível um jornal informativo distribuído, gratuitamente, por todos os sócios.

Procurando obter ainda mais benefícios para os doentes, consegue a atribuição gratuita do material clínico de apoio - lei 29/90 de 14 de Setembro) onde se incluem cadeira de rodas, canadianas, calçado ortopédico, almofadas anti-escaras, sacos para recolha de urina e fraldas.

Em Janeiro de 1989 e através da lei 1/89 — Cap. I é garantido aos paramiloidóticos o acesso a uma pensão de

invalidez, no âmbito do regime geral de segurança social. Nesta mesma lei, no Cap. II art.º 3.º, é atribuído aos doentes com PAF e que estão abrangidos pelo Cap. I um subsídio de acompanhante.

Para incrementar a actividade da APP junto dos doentes e suas famílias realizam-se Encontros de doentes em piqueniques e festas de Natal, onde são distribuídos aos doentes mais carenciados, cabazes de alimentos.

Acrescentando às actividades já referidas a APP cria um serviço de pequenos almoços para os doentes que frequentam a consulta no CEP. Atribui, igualmente, bolsas aos melhores trabalhos científicos e bolsas de estudo para os vários níveis de ensino, aos melhores alunos, filhos de paramiloidóticos.

Colabora com o CEP na compra de material para trabalhos de investigação, ensaios terapêuticos e tratamento como, por exemplo: aparelho para plasmaferese e aparelho para imunodepuração. Ainda dentro do mesmo espírito, colabora com o CEP em campanhas de divulgação, aconselhamento genético, diagnóstico precoce e diagnóstico pré-natal.

Para uma melhor divulgação da existência e funcionamento da APP são levadas a cabo conferências e entrevistas com os Clubes Lyons, Rotários, Jornais diários e semanários, Rádios nacionais, regionais e locais, programas de televisão e até representações em Feiras regionais de acordo com as várias localizações dos Núcleos.

Promove, ainda, encontros Nacionais para Técnicos de Saúde de forma a manter estes profissionais a par da evolução da doença e técnicas de investigação e tratamento.

Quais os objectivos a que a APP se propõe num futuro próximo?

- Maior colaboração e empenho dos doentes e suas famílias na organização e funcionamento da Associação;
- Maior participação da APP no funcionamento e divulgação de projectos de investigação;
- Divulgação e informação ao público em geral, da doença e suas consequências utilizando os diversos meios de comunicação social;
- Divulgação junto das famílias afectadas de forma de contenção e dos progressos terapêuticos, nomeadamente das possibilidades de transplante hepático;
- Angariação de fundos através de subsídios oficiais e particulares e campanhas;
- Incrementação de uma melhor rede de assistencial;
- Uma melhor organização das consultas e melhor comunicação entre técnicos;
- Reconversão ou integração dos doentes em postos de trabalho compatíveis com as suas incapacidades;
- Possibilidade de cada agregado familiar ter acesso a habitação condigna, melhores condições assistenciais e sociais;
- Campanhas de aconselhamento genético bem



estruturadas com profissionais competentes.

Sobre o que acabo de dizer duas noções exigem a minha reflexão:

1.<sup>a</sup> — Foram já muitos anos de dedicação, muito trabalho e perseverança para chegarmos onde hoje estamos. Muitos, doentes, familiares e profissionais de saúde deram o seu melhor para minorar as dificuldades de todos os que sofrem deste mal.

2.<sup>a</sup> — Apesar da satisfação pelo muito que já foi feito, fica-nos sempre a dúvida, esta baseada em experiências vividas, de que se não continuarmos sempre a batalhar por mais e melhores regalias elas podem de um momento para o outro desaparecer ou deixar de ser satisfatórias para o tempo actual. É exemplo do que acabo de dizer o problema da medicação, que ao longo destes quase 20 anos sofreu já várias alterações todas elas prejudicando sempre os nossos doentes.

E o que a evolução da medicina exige?

E o que a evolução da vida obriga?

Tudo isto dá-nos força para manter viva a Associação.

Tudo isto nos dá razões de sobra para continuar a lutar e trabalhar para ELES.

Acabo este trabalho agradecendo a todos os que me ouviram e desejar que de algum modo esta mensagem passe para os doentes e suas famílias, lembrando-lhes que nunca melhor do que o próprio para lutar pelos seus interesses.

Sei que é difícil pela sua própria condição de doente e familiar retirar algum do seu tempo, para se deslocar, ocupar fins de semana com visitas ou reuniões, deitar-se um pouco mais tarde do que o habitual para poder trabalhar na Sede, etc.

Mas todos podem colaborar de acordo com as suas próprias capacidades, físicas, económicas e sociais. Todos devem ajudar. Não se deixem ficar em casa esperando que os problemas sejam resolvidos por outros, como é o actual caso da Direcção da APP em que infelizmente não tem na sua constituição nem doentes nem familiares destes.

Lutem dentro das suas possibilidades e colaborem com aqueles que há quase 20 anos pensam neles e lutam por eles.

## As jornadas de Paramiloidose 97 Porto, 7 e 8 de Novembro

Por volta de 1983, aquando do lançamento do "Dossier Paramiloidose", o Centro de Estudos de Paramiloidose, Porto, procedia ao início do primeiro rastreio da doença, de forma sistemática, a nível nacional, e cuja duração previsível situar-se-ia em mais ou menos dois anos.

Feito o diagnóstico precoce dos doentes que o desejaram, abriram-se as portas para o aconselhamento genético junto das famílias afectadas, tentando-se investir neste principal meio de controlo da doença.

Infelizmente, e devido no isensial a factores de ordem cultural, a mensagem do aconselhamento genético não passou como seria desejável.

O CEP efectuou projecções, nessa altura, salvo erro para as próximas duas décadas, que apontavam para um crescimento da doença para níveis preocupantes.

Na verdade, já vão surgindo indicadores que confirmam essas projecções.

As jornadas de paramiloidose 97 forneceram dados que indicam o aparecimento de novas famílias afectadas com ou sem ligações a famílias já conhecidas, sendo aqui importante salientar que a "sua origem geográfica correspondia ao registo de 20 novos concelhos". (O

registo de doentes e famílias com PAF nos últimos 10 anos - José Barros, Carla Ferreira - Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António e Centro de Estudos de Paramiloidose, Porto). Com os fenómenos cada vez mais acentuados da mobilidade das pessoas, das migrações internas, da progressiva urbanização do país, é de prever que a doença se instale rapidamente noutros concelhos.

Torna-se assim evidente que a doença emerge cada vez mais como um sério problema de saúde pública, dado o seu carácter hereditário e de transmissão dominante, como é do conhecimento de todos.

As mesmas jornadas, que juntaram investigadores nacionais e alguns estrangeiros, onde se fizeram comunicações sobre "Avanços Recentes no Conhecimento da Doença", "Novas Perspectivas na Abordagem da Doença", "Aspectos Clínicos", e a "Transplante Hepático", tiveram a assistência e participação essencialmente de personalidades ligadas de alguma forma à comunidade científica desta área, mas também outras pessoas que por as mais variadas razões estiveram interessadas em assistir e que para isso foram convidadas e aqui refiro-me a alguns sócios



da APP, nomeadamente ao seu presidente da Direcção, Enf.º Carlos Figueiras.

A experiência tem demonstrado a importância extraordinária da realização destas jornadas ou simpósios. Se por um lado, mais concretamente pela vertente científica, eles poderão interessar mais aos investigadores e cientistas, por outro lado, dado o tipo de informações que se transmitem, eles são úteis a todas as entidades que estão ligadas à doença, designadamente autarquias, instituições de saúde e segurança social, Misericórdias, Associação Portuguesa de Paramiloidose, etc.,

Desculpem-me a expressão, "cada qual peneira a informação segundo o seu crivo", mas o importante é que as pessoas saiam de lá mais motivadas e sensibilizadas para ajudar a passar a palavra de que é urgente acompanhar e controlar a expansão da paramiloidose, reforçar os meios da sua prevenção, tratamento e cura.

Seria benéfico para esta causa que pudessem estar presentes nestas jornadas Presidentes das Autarquias ou seus representantes provenientes das localidades onde existem focos da doença. É urgente que tomem consciência da maior ou menor gravidade da situação nos seus concelhos e que estabeleçam entre eles contactos frequentes e que se lance a hipótese da criação de uma espécie de "Associação Municipal" que estude a melhor forma de responder aos problemas que a doença está a colocar progressivamente a um maior número dos seus municípios. Seria uma frente comum que poderia englobar além das Autarquias, obrigatoriamente Hospitais, Centros de Estudos, Centros de Estudos e Assistência, Institutos de Investigação Científica (Genética e Estudos de Populações) e outras estruturas de saúde e assistência social, de tal sorte que delas pudesse despontar um "Centro Coordenador Nacional" de controlo de expansão da paramiloidose.

Esta estrutura funcionaria em ligação com sistemas locais onde a doença está implantada, devendo estes sistemas agregar os Hospitais, Centros de Saúde e Misericórdias devidamente articulados, tendo em vista o pretendido acompanhamento.

Há já estudos produzidos na área da saúde pública na localidade onde existe o maior foco de doentes no país — Póvoa de Varzim — com a finalidade de controlar a doença naquela comunidade.

O provedor da Santa Casa de Misericórdia desta cidade, Sr. Silva Pereira, entende que deverão existir na Póvoa e em Vila do Conde à volta de 1200 pessoas afectadas.

Desconheço que estudos similares tenham sido efectuados noutras áreas geográficas, mas seria excelente que as instituições competentes locais se debruçassem sobre esta temática.

Em relação ao papel das Autarquias julgo que é altura ideal para se criar legislação que alargue substancialmente as suas competências e os respectivos recursos financeiros a fim de actuarem neste campo, assim como noutros, pois melhor do que ninguém os autarcas conhecem os problemas e estão aptos a dar-lhes respostas mais rápidas e adequadas.

Por último desejaria aproveitar a oportunidade para falar da Associação Portuguesa de Paramiloidose.

Sabemos que ela foi fundada em Junho de 1979, tendo por isso, quase 20 anos de existência.

Cabe aqui lembrar os altos serviços prestados pela APP aos seus doentes e familiares, ao longo de todos estes anos. Conseguiu criar uma rede de cuidados específicos nos centros de saúde das zonas afectadas. Foi a APP que funcionou como motor dessa tessitura, ajudando as autoridades responsáveis a compreender que a PAF era uma doença especial e que os doentes necessitavam de cuidados especiais.

Conseguiu, numa altura impensável, de elevada crise financeira do País, medicamentos, próteses, e outro material gratuitos, melhoria de reformas e outros benefícios.

Lembrar ao de leve este passado é prestar-lhe a devida justiça. É prestar também a justa e merecida homenagem a todos os Corpos Directivos que passaram pela APP e seus Núcleos, pois todos de uma forma ou de outra deram o seu contributo para bem dos doentes.

Numa altura em que os valores de solidariedade e abnegação estão em crise, dirijo-me aos jovens para que se interessem em colaborar em instituições de solidariedade social e utilidade pública como a APP.

A pessoas não são eternas e é necessário que apareçam outras para o render da guarda e lhes tomarem o testemunho.

Por isso convém não esquecer que a APP deverá continuar a ser considerada uma interlocutora válida, como o foi no início, o é no presente e o será no futuro, devendo ser ouvida em toda esta problemática para que possam ser encontradas as melhores soluções e se acutelarem os interesses dos doentes e familiares.

Finalmente, nesta quadra, a todos desejo "Festas Felizes"

António Rodrigues Morais — Sócio n.º 7



## LENDA DO GALO QUE CANTOU A TEMPO

**E**M certas regiões do nosso País, existia o costume antigo de preparar um galo especialmente para cantar na chamada Missa da Meia-Noite do dia de Natal...

Esse galo, escolhido entre os melhores de cada terra, gozava de grandes regalias, era tratado com requintes de cautela e tinha uma alimentação privilegiada.

Na pequena e pitoresca Vila Nova do Laranjal, da freguesia e concelho de Ponte de Sor, havia também tal costume. E dava-se mesmo o galo a guardar ao homem da terra.

Conta a lenda, já gasta pelas repetições da vida, que em certo ano se apresentaram ao Meirinho dois homens fortes e soberbos, disputando entre si o lugar de honra.

O primeiro que falou parecia não admitir dúvidas:

— Provo que sou o melhor! Perguntem nas redondezas... Investiguem a minha vida!

Mas o segundo não se intimidou. E também afirmou com absoluta convicção:

— Perdão, senhor Meirinho... O melhor sou eu. Veja as esmolas que tenho espalhado durante o ano... o bem que eu faço aos outros.

Houve uma pausa. Depois, o primeiro dos dois homens voltou a acentuar, um tanto ironicamente:

— Será preferível investigar, senhor Meirinho!

Foi a vez do outro se exaltar. Fitando bem de frente o seu rival, perguntou num ar de desafio:

— Porquê? Alguém se atreve a contestar o que eu digo?

O Meirinho resolveu intervir, para não deixar azedar a questão. E, inclinando-se para ambos, disse na sua voz pausada e sentenciosa:

— basta, senhores, basta!... Sou eu quem deve resolver o vosso caso... Eu, como meirinho desta terra!

Fazendo uma pausa propositada, a criar expectativa, o Meirinho perguntou depois, em tom arrastado e sem perder os dois homens de vista:

— Podem apresentar alguma testemunha das virtudes que apregoam?

Ambos o olharam e se entreolharam. Sorrindo. Sorrindo com desdém e superioridade, como quem tem a certeza antecipada da vitória.

— A menina do Laranjal!

Parecia de propósito. Tinham ambos dito simultaneamente as mesmas palavras. Logo se fitaram, furiosos. Foi a altura do Meirinho se rir:

— Mas... como é isso possível? Então os senhores têm ambos a mesma testemunha? Expliquem-se, por favor!

O primeiro dos homens avançou:

— Senhor Meirinho, quero comunicar-lhe que a menina do Laranjal será em breve minha esposa... Pelo menos, penso declarar-lhe o meu amor...

O outro não se mexeu do lugar, mas retorquiu peremptoriamente:

— Impossível! É comigo que ela vai casar... Já lhe felei nisso e ela aceitou!

O Meirinho voltou a olhar alternadamente para um e para outro.

— Não compreendo... Não compreendo...

E, de súbito, tomou a resolução mais adequada:

— Bem... Vamos chamar a própria menina do Laranjal!

Diz a lenda que a menina do Laranjal era, de facto, a jovem mais respeitada das cercanias. A mais respeitada e a mais querida.

Pensa-se até que a terra, toda ela, começara apenas pelo Laranjal. E daí o nome que herdara para o futuro: Vila Nova do Laranjal. Por isso, a jovem simbolizava as tradições da própria terra.

Era órfã e vivia na companhia duma senhora idosa, a qual tratava portia, mas cuja origem era desconhecida dos habitantes da terra. Misteriosa e estranha, a velha senhora não gozava da mínima simpatia. Todavia pouco se importava com isso, porque dominava por completo a menina do Laranjal.

Quando a notícia chegou até elas, a jovem não escondeu a sua estupefacção.

— Mas... se eu nem sequer os conheço... Como poderei eu casar com um deles? E qual devo escolher?...

Aflita, buscou os concelhos da velha senhora:

— Dizei-me, minha tia, por favor... Qual deles hei-de escolher?

A velha senhora fungou uma risada:

— Ora, escolhei o melhor!

Nasceu novo espanto nos olhos da menina do Laranjal:

— O melhor?... E qual deles é o melhor?

Vagarosamente, intencionalmente, a resposta da velha senhora fez-se ouvir.

— O melhor é aquele que for mais rico!

Depois, num ar de sabedoria, ajuntou:

— Compreendeis, não é verdade? Com dinheiro, pode comprar-se o Mundo! Acreditai...

A menina do Laranjal, ingénua e simples como era,



abanou a cabeça, num ar de tristeza:

— Não, não acredito, senhora minha tia!

E, num suspiro, logo completou o seu próprio pensamento:

— Com dinheiro, pode comprar-se o Mundo... Mas não se compra a felicidade!

A conversa ficou por aí. O Meirinho esperava-as... E os dois homens esperavam-nas, igualmente. Quando a menina do Laranjal e a velha senhora que dizia ser sua tia saíram à rua, ambos correram para elas.

O mais impulsivo, e que sempre actuava primeiro, foi o que chegou mais depressa junto da menina do Laranjal, pedindo-lhe para lhe falar em particular, ao que ela acedeu, sem saber que fazer.

Mas o outro não se incomodou. Parecia até esperar que isso acontecesse. E enquanto o seu rival se declarava publicamente à menina do Laranjal, ele conversava em surdina com a velha senhora...

Por fim seguiram todos a caminho do gabinete do Meirinho, que não escondia a sua impaciência por tanto ter de esperar.

Sentaram-se. O Meirinho olhou-os, um por um. Fixou depois o olhar na menina do Laranjal, que estava muito pálida e trémula.

... Dizei-me... Algum destes homens é vosso noivo?

Timidamente, ela respondeu:

— Só um deles me falou de amor...

— Qual?

O olhar da menina do Laranjal, de fugida, procurou o homem impulsivo com quem falara. E a sua voz mal se ouviu:

— Aquele... além...

Porém o homem aproveitou logo a ocasião, para impor a sua autoridade:

— Claro, senhor Meirinho! Até agora... só eu lhe falei de amor... Só eu me declarei apaixonado... Portanto, sou eu o seu noivo!

O outro reagiu com uma risada:

— A menina do Laranjal sabe lá o que é o amor... Ela nada resolve. Quem resolve é a senhora sua tia. E eu... Eu falei com a senhora sua tia e pedi a mão da menina do Laranjal, que me foi concedida. Sou eu, portanto, quem vai casar com ela. Não é verdade, senhor Meirinho?

Nesse ponto enganara-se porém. O Meirinho, segundo conta a lenda, além de Meirinho, era também homem de coração. E adorava a verdade.

Assim, ficou silencioso, por momentos, a meditar. E depois sentenciou:

— Tenho muita pena, meu caro senhor, mas a escolha está feita... O homem melhor da terra não pode mentir... E

o senhor mentiu-me, ao dizer que já falara de amor à menina do Laranjal... Ao passo que o seu rival foi sincero e verdadeiro... É ele, portanto, o melhor. Ele ficará com o galo!

Ergueu-se e fez sinal para que todos se erguessem. Depois disse, ainda, num sorriso:

— Sim, ficará com o galo... E casará com a menina do Laranjal, se ela quiser.

E certamente queria, pensou o Meirinho antes de retirar-se, porque o olhar que ela trocou com o seu preferido — era um olhar doce e meigo. Um olhar de amor.

O tempo correu, sem que nada mais de especial se passasse. O homem escolhido como o melhor tomara conta do galo e instalara-se já no próprio palacete da sua noiva, pois a esperança de amor estava prestes a concretizar-se em casamento...

A velha senhora que se dizia tia da menina do Laranjal parecia indiferente aos preparativos nupciais. Ausentava-se às vezes, sem dizer nada. Porém, como era sempre estranha e misteriosa, ninguém lhe fazia perguntas.

Por seu lado, o homem vencido (mas não convencido) garantia aos amigos que não desistia. Havia apenas que aguardar os acontecimentos...

A menina do Laranjal e o seu eleito viviam um para o outro — e ambos para o seu amor.

Mal podiam eles adivinhar o que ia acontecer...

E aconteceu precisamente em vésperas de Natal!

A notícia caiu como bomba sobre a terra. Desaparecera o galo escolhido e guardado para a Missa da Meia-Noite!

Era o pior que podia suceder àquela gente. Tocaram os sinos a rebato, o tumulto foi enorme e o Meirinho viu-se obrigado a tomar imediatas providências, mandando prender, sem hesitação, o responsável pela existência do galo.

De nada serviram as lágrimas suplicantes da menina do Laranjal. Nem os protestos do melhor homem da terra. Nem as juras de inocência que ambos fizeram.

Perante a ira da multidão, o Meirinho só podia prometer:

— Justiça será feita!

E apontava o presumível culpado, o qual apenas sabia repetir a mesma confissão dorida e frágil:

— Juro que estou inocente! Eu juro que estou inocente!

Mas o Meirinho, desta vez, e com justa razão, parecia inflexível:

— Só uma coisa te poderá salvar: revela-nos onde está o galo!

Entretanto, no meio da multidão, o outro homem esfregava as mãos de contentamento.

— Eu bem dizia... Pois dêem-lhe o castigo que merece!

E, de facto, tudo se começou a preparar para esse



castigo, conforme narra a antiga lenda. Nesse tempo, a morte pela força era a mais afrontosa. E o Meirinho ordenou que preparassem a força para a própria noite de Natal. O castigo serviria de exemplo para sempre...

O prisioneiro, quase transformado num farrapo humano, esperou pela sua última noite — a noite de Natal.

Que podia ele fazer? Já não tinha lágrimas para chorar, já não tinha pensamentos para pensar. Restava-lhe somente a consolação que lhe dava a menina do Laranjal, agora perdida de amor por ele e também por amor dele perdida...

E foi na tarde do derradeiro dia que o homem, já na agonia das suas esperanças, teve uma ideia que nunca o visitara. Se falhasse, nada mais havia a esperar...

Ao contrário do que supor, a menina do Laranjal encontrou-o mais calmo:

— Que se passa contigo, meu amor?

— Ainda confio...

— Mas já nada é possível... Faltam apenas poucas horas... Só um milagre de Deus!

— Eu espero por esse milagre! Hoje é o dia em que nasceu Jesus... não deixará morrer um inocente!

E mostrava tanta confiança na voz e no semblante, que a menina do Laranjal também se sentiu um pouco mais reconfortada. Mas, de si para si, pensou que, infelizmente, tudo estava acabado...

Chegou a noite. Nunca se vira noite de Natal semelhante a essa. A força erguia-se, sombria e fúnebre, diante da igreja toda iluminada.

E, como era da lei, o Meirinho permitiu que o condenado formulasse o seu último desejo.

Serena, a voz do homem ergueu-se diante da curiosidade dos que o escutavam:

— Peço à menina do Laranjal e à senhora sua tia que subam ao alto da torre da igreja. Quero vê-las, lá bem no alto... antes de morrer!

Imediatamente, o desejo foi satisfeito. Trémula, nervosa, a menina do Laranjal, sempre acompanhada, embora de má vontade, pela senhora sua tia, subiu lentamente ao ponto mais alto da torre da igreja bonita, enquanto cá em baixo se faziam os preparativos para a execução do castigo.

E, de súbito, no meio do silêncio impressionante que se fizera, ouviu-se com verdadeiro espanto o galo cantar. Uma. Duas vezes. Três vezes. E o homem que estava prestes a morrer na força gritou emocionado:

— O galo vê-as! O galo vê-as!

Foi um assombro. Muitos correram em direcção ao local donde viera esse canto inesperado. E, daí a pouco, voltavam triunfantes, trazendo o galo que estivera

escondido no quintal do outro pretendente.

O homem que se salvara da força não podia conter as lágrimas que lhe inundavam o rosto.

— Foi um milagre... Um milagre do Menino Jesus!

E contou então a ideia que tivera. Lembrara-se que sempre o galo cantava, fosse pelo que fosse, quando via a menina do Laranjal e a senhora sua tia. E pensou fazer essa experiência derradeira. Se o galo estivesse na vila e visse a menina do Laranjal e a senhora sua tia no alto da torre, havia certamente de cantar. E cantara, de facto!

Ajunta a lenda velhinha que ninguém mais soube do outro homem nem da velha senhora que se dizia tia da menina do Laranjal. Desapareceram por completo, nessa mesma noite...

A missa do galo foi autêntica missa de festa, à qual se seguiu a tradicional «missadura». Em breve o Homem Bom, como agora lhe chamavam, e a menina do Laranjal casaram, com grande alegria de toda a gente da terra.

Para eles, fora o Menino Jesus que fizera o milagre... E o grito do homem «*O galo vê-as! O galo vê-as!*» ficou perdurando na tradição, de tal modo que o nome da terra deixou de ser Vila Nova do Laranjal, para passar a ser, como ainda é, *Galveias* — a bonita e pitoresca vila do concelho de Ponte de Sor.

E diz-se, igualmente, que vem desse tempo a desta história a tão pitoresca expressão popular «cantaste a tempo», inspirada precisamente pelo galo que, na verdade, cantara a tempo.

**cooperativa operária  
gráfica almada,  
c. r. l.**



**almagrafica**

Obras de Livro  
Especialidade em Trabalhos  
comerciais, simples e de  
fantasia  
Encadernação • Offset

Rua Almada, 536/38 - 4000 PORTO  
Telef./ Fax. 200 6166